

Patrimônio Histórico

REGIONAL

Palácios em ruínas

Casarões centenários, por onde passaram príncipe e imperador, ameaçam desabar no Sul do Estado

ALESSANDRO DE PAULA

CACHOEIRO – Importantes obras arquitetônicas localizadas em Barra de Itapemirim (antigo porto da Barra), em Marataízes, no Sul do Estado, estão abandonadas pelo poder público. O que sobrou de algumas delas são ruínas, enquanto outros imóveis ficam à mercê das condições climáticas e de ações de vândalos, podendo cair a qualquer momento. São imóveis localizados numa região conhecida como centro urba-

no do Trapiche, um conjunto arquitetônico formado pelo galpão da ferrovia, o depósito do porto que deu nome ao local, o Palácio das Águias e a Igreja Nossa

de Senhora dos Navegantes.

O Trapiche é o maior exemplo do abandono. O galpão construído no início do século XIX e ampliado em 1886 está em ruínas. Do imóvel, por onde passava a maior parte do açúcar e do café entre os séculos XIX e XX, restam apenas parte de duas paredes, cuja estrutura corre o risco de desabar e causar acidentes. Por dentro, o mato cresce.

A poucos metros, o Palácio das Águias, o terceiro imóvel mais antigo ainda de pé no Sul do Estado, parece seguir o mesmo caminho. Atualmente, a ca-

sa que hospedou governadores, bispos e recebeu a visita do príncipe alemão Maximiliano, sofre com depredações e serve até de moradia para mendigos.

A Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, construída entre 1855 e 1887, também sofre o abandono. Na década de 90, suas imagens, em madeira, foram roubadas. No lugar, foram colocadas esculturas em gesso.

Em estado bem pior estão os galpões da antiga ferrovia, que representam um risco às pessoas devido à falta de conservação. O prédio, de onde partiam máquinas e vagões com destino ao Sul do Estado, Vitória e Rio de Janeiro, aguarda que o tempo decida o momento de sua queda.

A situação causa revolta a quem conhece a história do local. Uma das herdeiras do Palácio das Águias, Ivilisi Soares de Azevedo, não gosta sequer de entrar pelas portas do casarão onde moraram seus antepassados.

“São 30 anos que brigo pela restauração deste patrimônio. Trouxemos secretários de cultura, realizamos mobilizações e nada”, diz.

O prefeito atual de Marataízes, Ananias Vieira, alega que o município é um dos mais pobres do Estado e que por isso não tem recursos para restaurar o conjunto arquitetônico.

AS CONSTRUÇÕES

• **Palácio das Águias** – Em estilo colonial eclético, o casarão foi construído no início do século XIX. Na época, servia de hospedagem a tropeiros. Foi reformado por volta de 1887, recebendo acabamento de luxo.

No alto do imóvel, um leão e duas águias – daí o nome Palácio das Águias – surgiam imponentes, representando a riqueza e poder dos donos do casarão.

Os vitrões são em policromia francesa, assim como o telhado. O piso é de madeira de lei e formavam mosaicos. Os ladrilhos foram adquiridos da Itália. E as paredes receberam pintura especial.

• **Trapiche** – Começou como um pequeno armazém construído no início do século XIX e foi ampliado pelo Barão de Itapemirim por volta de 1883. Dali, os barcos a vapores que transportavam café, cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas para a região subiam o rio Itapemirim.

Os produtos também partiam dali por meio de vagões de ferro em direção ao Rio de Janeiro. A diminuição do transporte de cargas pelo rio, que ao longo do tempo tornou-se impróprio para a navegação devido ao assoreamento, contribuiu para o abandono do prédio.

Ao longo dos anos a edificação sofreu depredações, até um grande incêndio em 1987, que danificou ainda mais suas estruturas.

• **Igreja Nossa Senhora dos Navegantes** – Em arquitetura neoclássica, a capela começou a ser construída em 1855 pelo frade Paulo Casanova, mas só foi concluída em 1887. Seu altar, em estilo neoclássico possui beleza singular.

É uma das igrejas mais antigas do Estado. Suas imagens originais eram todas feitas em madeira, mas foram roubadas na década de 90. Atualmente as esculturas são em gesso. O prédio também carece de restauração.

• **Galpão da ferrovia** – Chegou a ser o maior galpão do Espírito Santo no século XIX. Nele, funcionava a oficina da estação ferroviária. Foi responsável por boa parte da movimentação econômica do Sul do Estado.

Pela estrada férrea, os vagões carregados de produtos agrícolas seguiam em direção a Cachoeiro, Rio de Janeiro e Vitória. Hoje, o prédio está em total abandono. Atacada por infiltrações, a estrutura também está ameaçada.



Corina da Silva, de 83 anos, que chegou a morar no Trapiche: “Fico triste em ver como está abandonado”

Glamour e decadência

CACHOEIRO – O Porto da Barra foi uma das regiões mais movimentadas do Sul do Estado. Barcas carregadas de café e cereais desembarcavam na foz do rio Itapemirim a todo instante.

Os alimentos ficavam depositados no Trapiche até serem transportados por trem ao Rio de Janeiro ou pelos barcos a vapor que seguiam rio acima em direção a Cachoeiro de Itapemirim. Em 1960, por suas águas passou uma expedição organizada por Dom Pedro II, que seguia em direção à colônia de Rio Novo.

O movimento de vagões e máquinas era intenso, assim como o de trabalhadores.

“Nasci em Piúma, mas vim para cá há mais de 60 anos, logo que me casei. Meu marido trabalhava no rebocador que trazia as barcas até o Trapiche. Era muito movimentado. Navios, máquinas e muita gente circulavam

a todo instante. Fico triste em ver como está abandonado”, diz a aposentada Corina da Silva Gomes, 83.

Imponente, o Palácio das Águias, construído sobre uma laje de pedra a 30 metros do Trapiche, era o símbolo maior da riqueza da região. A família Soares, dona do casarão, comandava a política na região. No imóvel, eram realizados os principais eventos sociais da época.

Quem morou na residência, como a pensionista Nilza Silva Porto, de 64 anos, lembra dos convidados importantes que passaram por lá. A convite da reportagem, ela visitou o que sobrou da cozinha do palacete. No local onde ficava o fogão, sobrou um grande rombo no chão.

O Palácio das Águias e o Trapiche foram tombados em 1998 pelo Conselho Estadual de Cultura.



“Existia muito luxo aqui. Tinha piano e cristais”

“Morei no Palácio das Águias aos sete anos de idade. Era afilhada da dona da casa e só saí quando completei 14 anos. Lá dentro era tudo maravilhoso. Existia muito luxo. Tinha piano, telefone e cristais variados.

Gente importante de todos os lugares se hospedavam no casarão a convite de seu (senhor) Joca Soares (um dos dono do palácio). Já servi café a governadores, padres e bispos. Sinto pena ao ver o que restou do palácio”.

Nilza Silva Porto, 64, pensionista, lamentando o abandono do Palácio das Águias

Casarão pode virar museu

CACHOEIRO – Um projeto encabeçado pela Secretaria de Estado da Cultura prevê a restauração do Palácio das Águias, ações de paisagismo ao redor do casarão e a instalação no imóvel do Museu do Pescador Maratimba.

Segundo o órgão, o projeto está no Ministério da Cultura há cerca de oito meses e segue em sua última instância para aprovação dentro da Lei Rouanet de incentivo à cultura. A secretaria também informou que estuda a viabilidade de um projeto de consolidação das ruínas do Trapiche.

O projeto, de autoria da arquiteta Cora Augusta Duarte Águieiras, prevê o uso cultural do prédio após restauração, com oficinas destinadas às famílias dos pescadores, exposição de redes de pesca, barcos e a construção de um aquário.

“Queremos resgatar a cultura do pescador maratimba. Ele precisa ter orgulho de sua profissão”, diz Cora. Ela reclama que há mais de um ano protocolou uma solicitação na prefeitura de escoramento das paredes do casarão.

O prefeito atual de Marataízes, Ananias Vieira, informou que o município não tinha recursos para restaurar o Palácio das Águias e nem os demais imóveis.

O prefeito eleito da cidade, Antônio Bitencourt, foi procurado em seu celular, em sua casa e na empresa onde trabalha mas não foi localizado. A reportagem deixou recado, mas ele não retornou até o fechamento da edição, ontem.

O palácio, que era de propriedade da família Soares, foi doada pelos herdeiros ao município para que fosse feito o processo de restauração do imóvel

FOTOS: PEDRO JORGE JUNIOR